



A CADEIRINHA

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

N.º 212 Lisboa, 14 de Março de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4800 réis — Semestre 28400 réis  
Trimestre, 18200 réis

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão **R. Formosa, 43**



# AGENCIA DE VIAGENS

R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

## Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem aumento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo  
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

## Viagens baratissimas À TERRA SANTA

# BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO  
GOTA  
NEURALGIAS

D<sup>r</sup> BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Meio seculo de successo

# ESTOMAGO

© Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.  
**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**

A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

## Receita para curar

Lábios felos  
» feridos  
» fendidos  
» asperos  
» enghados  
» secos  
» inchados

Cieiro  
Feridas nas narinas  
Maus cantos de bocca  
Mucosas irritadas  
etc., etc., etc.

Passar sobre a mucosa, levemente, repetidas vezes, o

### LAPIS NAFALAN

com sello VITERI

que dá ás mucosas *resistencia, brilho, côr, aroma, frescura,* e o *aspecto sotonoso proprio da mocidade e da saude.* Utilizá-lo em todas as pessoas que se expõem ao vento, á chuva, ao calor, ao frio, ao sol.

Os *fumadores* usam-no para evitar a acção do *fumo* e da *nicotina*.

Lapis com um dedal para costura, 200 réis.

Pedidos ao deposito: Vicente Ribeiro & C.<sup>a</sup>, 84, R. dos Fanqueiros, 1.<sup>a</sup>, LISBOA.

## Só não tem cabelo nem barba quem quer!

*Fazemos nascer cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 e 24 dias. Garante-se que não é nocivo. Remette-se com toda a discreção.* Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante Temos levado



com o nosso *balsamo Mootcy* a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu de balde! Homens notáveis e não notáveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e

America, em muitos logares e apreciado. P<sup>o</sup> de-se por isso dizer, com verdade, que goza de fama universal. O preço para o *Mootcy* é de 2555 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 45420 réis. Com cada porção vai um CERTIFICADO DE GARANTIA pelo qual n<sup>o</sup> o obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remedio não der resultado algum. *Se isto não for verdade pagamos ao comprador a quantia de 300\$000 (trezentos mil réis).* Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escrita a palavra *Mootcy*. Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia. em portuqez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT

HOLMENS KANAL 30-KOPENHAGEN, 133

Deposito em Lisboa: Ferreira & Ferreira, Succ.  
99, RUA DA PRATA, 101





# JESUS DOS MUNDOS

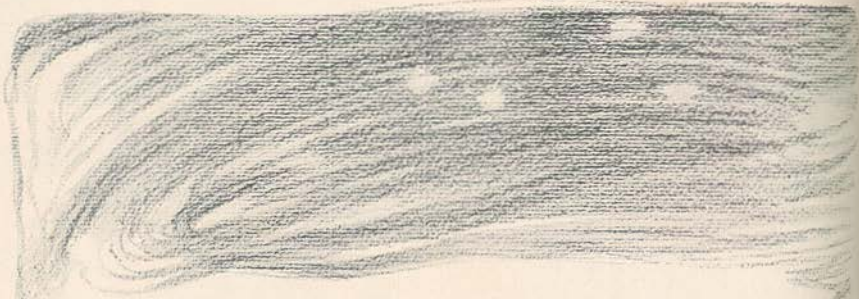
(VISÃO DO COMETA DE HALLEY)

I

Cosmico e formidável Coração,  
Todo a arder, todo em chamas, fogo ethereo,  
Pulsando em pleno seio do Misterio  
Em impetos de vida e de paixão.

Eil-o que vem! o temeroso Deus,  
Filho do Chaos, humilimo e soberbo;  
Incarnação do Espirito e seu Verbo,  
Prégando a Nova Luz aos velhos céus.

Eil-o que vem! o palido Messias,  
Jesus dos Mundos, Alma em genio acêsa:  
E comove-se, em roda, a Naturêsa,  
A' luz, á voz das suas profecias...



Eil-o descendo, o Espirito do Eterno,  
A' multidão dos mundos, claro Povo:  
Talvez prégando um Céu mais alto e novo;  
Mostrando-lhes, talvez, a Morte e o Inferno.

Eil-o que vem, rompendo na amplidão:  
Relampago de dôr, convulso grito,  
Ou lagrima dos olhos do Infinito  
Chorada por amor da Escuridão.

De onde surge? Onde vae? Nasceu da treva?  
Nasceu da luz? Que importa! Vem do Abismo.  
E traz consigo, em almo cataclismo,  
A vida, a morte, o sonho em que se eleva.

O Tempo e o Espaço,—a Dôr Vital,—consomem  
Sua alma eterna de infinita luz  
Que se fez corpo astal: como Jesus,  
Para falar aos homens, se fez Homem.


Profeta do Universo! luz da Vida!  
Que sagrada missão o traz no espaço?  
Sua orbita de chama é longo abraço  
Onde desmaia a Sombra convertida.

Que novo amor trará? Que novo encanto?  
Que Luz dará á luz sua doutrina?  
Ouvem os Mundos sua voz divina  
E empalidecem de temor e espanto...

## II

Não passa um claro olhar por outro olhar,  
Um coração por outro coração,  
Sem conjugar-se, em luz e comoção,  
O Tempo-espiritual do verbo Amar.

Homens ou Astros, Alma ou Carne,—tudo  
Voga n'um mar de leis desconhecidas:  
Outras Vidas rodeiam nossas vidas  
Falando-lhes num som oculto e mudo...






III

Astro que vens das íntimas, sublimes  
E sideraes, intérrimas paragens:  
Talvez tu saibas todas as linguagens  
Do Céu; talvez conheças nossos crimes.

Que extranho fluido e sugestões derramas?  
Anuncias a Paz ou a Revolta?  
Tuas sofregas azas de Ave sólta,  
Que novos vôos trazem, novas chamas?





Talvez que venhas espalhar em roda  
O alto e animico sôpro espiritual  
Que faz a irmanação universal,  
Unificando em Deus a vida toda.

Talvez venhas dizer ás Terras várias  
Em que o profundo espaço se povôa,  
Que em tudo um só Espirito rebôa  
E acompanha as estréllas solitarias.

Falas do Amor: e os Mundos, escutando,  
Talvez, emfim! olhando em derredor,  
Vejam os seus irmãos: — e, pelo Amor,  
Se comecem sentindo e procurando...

#### IV


O' Terra, ó minha Mãe! quando, no abismo  
Da noite, surja esse Profeta ardente,  
Ajoelha-te no espaço, e, santamente,  
Recebe a sua luz, como um Baptismo.

E' o Misterio que passa: alto sorriso;  
Heroico e alegre cantico dos céus;  
Talvez signal dos Tempos onde Deus  
Nos entremostra um novo Paraiso...

Recolhe-te em ti mesma: e pensa, e rêsa;  
E em ti acorda, já mais viva e pura,  
A luz original, alma da Altura,  
— A essencia, o Deus da tua naturêsa.

E levanta-te mais em perfeição,  
No culto da Alegria e da Tristêsa:  
— Vivam os homens em maior bellêsa,  
Intima e universal Religião.

E mais não haja o Mal: o odio, a guerra;  
Seja uma dôce benção toda a fonte;  
Torne-se altar florido cada monte,  
Em Sanctuario aberto o valle e a serra.



Purifique-te o Espírito, e reanime,  
Terra do amor! teu coração materno;  
Filha do Céu que tens ainda o Inferno  
Dentro do seio,— a escuridão e o crime...

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

(Desenhos originaes do illustre pintor Antonio Carneiro)

Antonio Carneiro  
1910 - II

# O AMOR DE PERDIÇÃO

## EM HAMBURGO

O exito triumphal recentemente obtido no *Stadt Theater* de Hamburgo pela opera de João Arroyo veiu mais uma vez agitar uma questão assás debatida, a qual se prestava a considerações que os estreitos limites de uma revista periodica não permittem desenvolver efficazmente. Perante o facto tão curioso, e talvez sem precedentes, de uma opera lyrica obter da critica o applauso geral que se reserva aos consagrados, ao passo que o assumpto é implacavelmente condemnado como *démodé*, a razão procura de fórma insensível perscrutar as causas do phenomeno, e muitas vezes vacilla sem conseguir surprehender-lhe o mechanismo. Pois o *Amor de Perdição* teve precisamente esse destino.

De um momento para o outro, o nome de João Arroyo impôz-se no meio difficil onde melhor são assimiladas as mais extranhas subtilidades musicas, n'aquelle mesmo paiz onde tanta obra de arte, para altos destinos reservada, tem miseravelmente sossobrado.

João Arroyo

*Liebe und Verderben*

(*Amor e Perdição*)

*Alten-Opern mit deutschem und italienischem Text*

B. Schott's Söhne  
Hamburg



- 1—A partitura do *Amor de Perdição*, edição de B. Schott's Söhne.
- 2—O sr. conselheiro João Arroyo e sua esposa, em Hamburgo. (Cliché SCHAUT, DE HAMBURGO)

N'essa Alemanha convencional em materia de exteriorisação esthetica, por todo o imperio, de norte a sul, de leste a oeste, a critica surgiu unanime, queimando o latego sangrento na fogueira do mais ardente enthusiasmo, e applaudind'o incondicionalmente o homem que, com manifesta propriedade, poderia exclamar as tres laconicas palavras de Cesar, ao regressar da victoria de Zalas.

Venceu João Arroyo! Sem duvida alguma, a sua obra musical tem o destino reservado aos immortaes. O applauso dos compatriotas de Beethoven é symptoma que não fa-



ha. Mas apreciando a obra no seu conjunto, esse applauso teve restricções. O libretto do *Amor de Perdição*, e sobretudo o assumpto de que trata, foi pela critica allemã inscripto no *Index* das coisas que não passam á posteridade.

E' interessante constatar que, em regra, ao apreciar a forma por que o compositor interpretou a idéa fundamental do drama, os allemães affirmaram, não esquecendo o brilho com que foi tratado o ingrato assumpto, que é precisamente nos pontos onde a musica se liberta da pressão das palavras que se expande o espirito e a concepção genial do artista. Os bailados do segundo acto, por exemplo, constituem uma pagina musical praticamente isenta de qualquer defeito, que mereceu sempre as honras de applausos especiaes.

do verismo na traducção litteral e flagrante do realismo objectivo.

Não é bem os seus effeitos que o auctor dramático allemão procura salientar na sua obra. Geralmente, o critico exige a photographia da vida real, sem attender a pormenores que podem no emtanto prejudicar fundamentalmente o conjunto. Exige mais que a photographia: reclama o instantaneo.

A vida moderna, intensa como é, não deixa tempo a fixarem-se aspectos sentimentaes. Por isso, o *Amor de Perdição*, como obra dramatica, não commoveu. *Uma historia de ha cem annos*, escreveu, desdenhosamente, todos os jornaes e revistas de além-Reno. Uma historia simples, uma historia futil, sem episodio, sem verosimilhança, que já não tem condições de existencia



O final do 1.º acto.

Mas qual será a razão pela qual o assumpto desagradou fundamentalmente aos criticos, que se deram *rendez-vous* no *Stadt Theater* para assistir á primeira representação da opera?

E' que a Alemanha, berço do romantismo, evolucionou sob variadissimas influencias ao ponto de encontrar-se no momento actual eivada de preconceitos convencionaes, e acabou por envolver a producção scenica em apertado circulo de dogmatismo, fóra do qual nenhum esforço fructifica e nenhuma idéa se impõe.

Para os allemães o theatro deve ser a acção violenta com o cunho inapagavel do destino, se se baseia nas suas concepções mythologicas, e nos seus aspectos de magica, ou

na scena moderna. E disse alguém, referindo-se de novo ao auctor da partitura, a quem todos lamentaram sinceramente o ter construido a sua obra musical sobre tão frageis alicerces, que se um dia «lhe cahir nas mãos o libretto que lhe convém», a arte ganhará sem duvida um trabalho immorredoiro.

Para nós, portuguezes, foi pouco lisongeira a apreciação. De facto, para justificar a escolha de João Arroyo no que diz respeito ao libretto do *Amor* não faltou quem assegurasse que, compondo o eminente artista para um publico como o nosso, pela intuição aliás admiravel de quem sabe prever bem os seus effeitos, vira desde logo que só um drama tal poderia encontrar



applauso entre nós. Para os allemães, o nosso povo é selvagem ou antiquado em materia d'arte. Mas o caso é que no theatro moderno, apárte todos os preconceitos e fóra de todas as convenções, ainda não está definitivamente resolvido o essencial pro-



1—O ballado do 2.º acto.  
2—A morte de Thadeu d'Albuquerque, no 2.º acto.



blema que se pode formular a proposito do drama musical:

Será unicamente a expressão dramática musical um facto de ordem intellectual, obedecendo a uma

orientação systematica, seja ella qual for, ou virá pelo contrario a constituir de futuro a conquista cada vez mais

Se a litteratura do libretto rompe definitivamente no primeiro sentido, muito difficil será assegurar um triumpho duradouro aos dramas de natureza intima e subjectiva. Se a evolução segue no segundo sentido, as tentativas como as do Amor ficarão, com as qualidades e defeitos



1—A despedida de Simão Botelho no ultimo acto.  
2—O sr. conselheiro João Arroyo revendo as gravuras da sua partitura.

completa da verdade, da emoção e da legitimidade do effeito, despreocupada de qualquer exclusivismo de processos ou de escolas, e indo tomar a todas ellas aquillo que melhor conduz ao maximo da efficacia emotiva?



São os seguintes os interpretes da opera, de cuja representação em Hamburgo produzimos alguns esboços: director d'orchestra: Gustavo Brucher; Simão Botelho: Penavicc; Ralhauar; Burenkoven; Thadeu: Davison; Theresa: M.<sup>lle</sup> Petzi; Margaritana: M.<sup>lle</sup> Mossel-Tomachik; Margarida: M.<sup>lle</sup> Brandes; Abadesa: M.<sup>lle</sup> Hösl.

inherentes a todas as obras d'arte, como valiosos esforços contra o auctoritarismo da dogmatica dos systemas, e representarão não só um protesto, mas uma documentação historica cheia de interesse na evolução das concepções estheticas.

HERMANO NEVES.



# A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DA REPUBLICA DO BRASIL



O novo presidente da Republica do Brasil será o marechal Hermes da Fonseca, a quem o senador Ruy Barbosa disputou a eleição. O vice-presidente será o dr. Wenceslau Braz, tendo-se proposto tambem o dr. Albuquerque Lins. O marechal Hermes da Fonseca tem uma brilhante carreira militar; é um dos mais illustres officiaes do exercito brasileiro, tendo desempenhado por vezes delicadas missões. Occupou o cargo de ministro da guerra durante a presidencia d'Affonso Pena, demittindo-se em 26 de maio de 1909, em virtude de ter accettato a candidatura para a suprema magistratura da nação.

Por occasião das grandes manobras allemãs, o marechal foi a Berlim, onde acompanhou esses brilhantes exercicios e sendo extraordinariamente distinguido pelo imperador Guilherme. No seu regresso da Allemanha esteve de passagem em Lisboa a bordo do *Cap Villan*, acompanhado por sua esposa e filho e pelos officiaes do seu estado maior. Entrevistado por um jornalista, fez a apologia do serviço militar obrigatorio e de varias reformas a realizar no exercito brasileiro, mostrando largas vistas e um enorme desejo de concorrer para os rapidos progressos militares e navaes do seu patz, onde occupa um dos mais evidentes logares.

O governo do presidente Nilo Peçanha apoiou as candidaturas do marechal Hermes e do dr. Wenceslau Braz, obtendo o presidente eleito uma votação definitiva de duzentos e setenta e tres mil votos.

No proximo quadriennio, Hermes da Fonseca será o presidente da Republica do Brasil, que o tem como um dos seus mais dilectos e illustres filhos.



1—O marechal Hermes da Fonseca, novo presidente eleito da Republica dos E. U. do Brazil.  
(Cliché de BENOLIEL)

2 - O dr. Wenceslau Braz, vice-presidente eleito.

❖❖❖ O COURAÇADO  
"MINAS GERAES" EM  
PONTA DELGADA ❖❖❖



Foi em 15 de fevereiro que o couraçado *Minas Geraes* esteve em Ponta Delgada, d'onde saiu para a América, a fim de conduzir ao Rio de Janeiro o corpo do illustre estadista Joaquim Nabuco, que falleceu em Washington onde era ministro plenipotenciario.



# ENTRE O CÉU

# E A TERRA

1—Na construção d'uma ponte: O menor movimento falso é a morte.  
 2—Um repouso a 200 metros de altura.

Assim como ha homens cuja vida se passa no fundo negro das minas soffrendo implacavelmente com a falta de luz, entalados nas estreitas galerias, outros existem que se movem no alto, muito além das flechas dos grandes campanarios, entre o céu e a terra, para

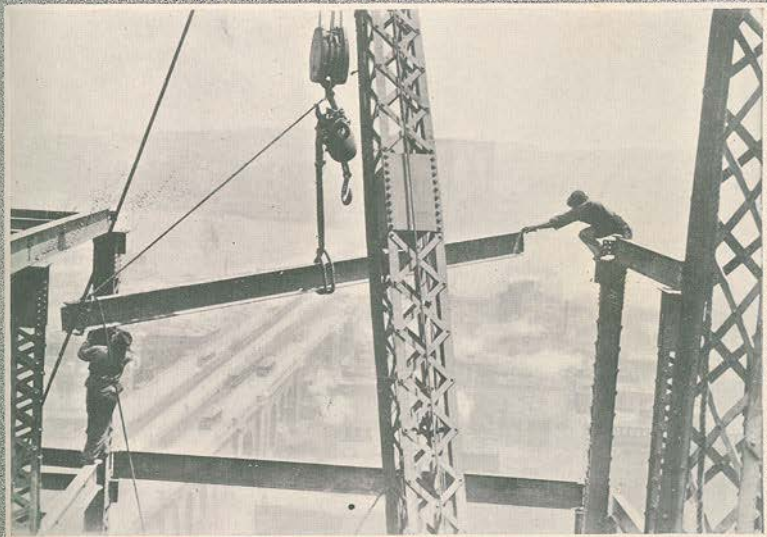
ganharem miseravelmente o pão de cada dia. Na America, no topo d'aquelles enormes predios de trinta andares, que vão a construir-se ás centenas, parecem pontinhos negros vistos das largas avenidas. Por vezes a duzentos metros, acima do solo, um homem está encaval-





lado sobre uma travessa estreita fazendo o seu trabalho distrahidamente, cravando um arrebite no ferro do vigamento d'uma ponte aerea e um balacear maior dar-lhe ha a morte, ou está de pé movendo um pesado martello que ao despenhar-se fulminará o transeunte. Os travessões de ferro que devem ligar-se uns aos outros são içados levando sobre elles os homens; um d'elles, collocado na extremidade, ao chegar ao poste onde se deve fazer a ligação, debruça-se para o agarrar afim de applicar a ponta contra o esquartelado já feito e assim, cortando as excrescencias, aparafusando, batendo, aquelles operarios de todas as raças, de todas as religiões, atrahidos á America pela miragem do ouro, lidam em alturas tão perigosas com a mesma tranquillidade como se estivessem rezvez com a terra.

mandam-se os principiantes procurar uma feramenta desconhecida, obrigando-os a frequentes descidas e subidas. Outras é o espirito que fusila de lado a lado, nos diversos logares da construção. E' o contramestre que manda buscar um objecto ao operario novato, que lhe mostra uma corda, perguntando-lhe se é aquillo, e o chefe a responder-lhe gravemente que sim, que a passe ao pescoço n'um nó e dê um salto no espaço; é a gargalhada vinda do alto; são as troças e as cantigas que na terra não se ouvem. Parecem querer escalar o céu. De vez em quando, ainda que raramente, ha desastres, mas quasi sempre o sangue frio salva esses ousados trabalhadores dos espaços, que vão amarrados com cordas pela cinta, e, em algumas occasiões, ao perderem o equilibrio, ficam a balacear n'aquellas alturas. Então, quem os puçer



A construção de uma casa de 20 andares em Nova York: O ajuste d'um travessão n'um dos ultimos andares do edificio.

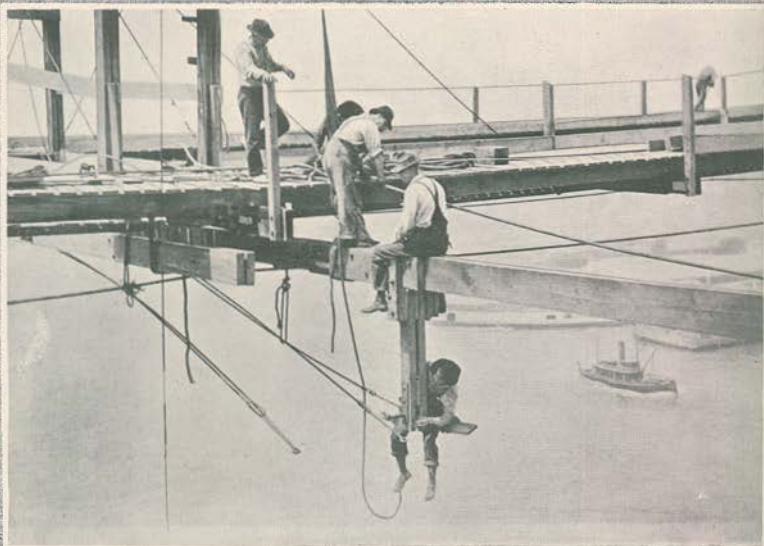
Primeiro manobram guindastes; um dia tentam-se, escancham-se n'uma das pesadas calhas de ferro e lá vão pelos ares. Arriscam-se dia a dia, na ancia de ganhar mais; depois aprendem a fixar as travessas, por fim a cravação, em que é necessario fazer prodigios de equilibrio. Depois, quando aquella ponte está terminada, querem logo novos trabalhos, desejam mais perigos com a mira no avanço da carreira.

Apesar de tudo, n'aquella tremenda situação, em que tantos riscos correm os trabalhadores, ainda tem tempo para gracejar. Uma vez

distinguir, imaginará um estranho exercicio n'algum circo colossal.

A America é o paiz das surpresas, não sendo, todavia, o unico onde os homens se arriscam a estes aventureiros trabalhos nos ares. E', porém, curioso, que n'uma das grandes obras d'este genero, feita em New-York, se viam até indios que se arriscavam a terminar os predios n'aquellas alturas, centenas de metros acima do solo, onde os antepassados—os primitivos senhores do paiz—tinham feito os seus abrigos cavando no terreno.

Por toda a parte onde ha pontes a fazer, se



*Entre o Céu e o Mar: A construção de uma ponte.  
Um operário que se desequilibra arrasta  
consigo os companheiros.  
2—Um lance temerário.*

vêm esses arriscados trabalhadores, umas vezes entre o céu e a terra, outras entre o céu e a água, vendo a seus pés os rios, levando caudalosas as correntes, os barcos a vapor que passam pennachando fumo, ruidosos da alegria dos passageiros, enquanto elles vão juntando os vigamentos, trabalhando nas cravagens, agarrados a um simples cabo, quando o podem usar, ou presos pela cintura, depois de ligados uns aos outros.

Que dramas se podem imaginar! Um mal intencionado, farto d'aquella existencia, remordido de colera contra os camaradas, pôde fazer com que todo o bando se precipite. Basta-lhe um movimento mais accelerado, para matar os companheiros, um desequilibrio maior para fazer cair á agua os homens do seu rancho. A maioria das pessoas que se mettem n'este mister arrojado pertenceram á marinha; dedicam-se depois, com vontade, um pouco habituadas desde ha muito a subirem pelos mastros e a olharem, lá do alto, tanto nas rudes travessias dos oceanos, como na calma profunda dos rios,

Um engenheiro americano, que tem dedicado toda a sua existencia á construcção das grandes pontes ferreas, diz que d'esta rude gente do mar se fazem magníficos operarios d'este genero, mas que os melhores são, ainda assim, os rapazitos que começam por olhar, com admiração, para as grandes pontes de caminho de ferro que se lançam nas terras interiores onde nasceram. Principlam





por se ligar com os operarios e um dia ensaiam o officio, brincando. São elles os mais lesto e a subida, os mais denodados, o- de maior equilibrio sobre os grandes pranchões, os que cantando dia e noite, porque de noite tambem se trabalha ao claro da luz electrica, formam os mais bellos grupos de trabalhadores, os menos atreitos ás vertigens, ao medo e ao nervosismo.

Esse trabalho das pontes, que suspende os homens entre o céu e a terra ou entre o céu e a agua, é tremendo mas bem perigoso é tambem o das construcções dos grandes predios de trinta e tantos andares. E' um enorme esqueleto em ferro que se vae fazendo aos poucos, erguendo lentamente, vigas a aparafusar n'outras vigas, assim até á altura maxima, ao topo d'esse grande edificio que se deseja e que

gens, para fazer a ossatura de semeliantes monstros. E' vêr então esses operarios do espaço ligados ás traves, martellando em prodígios de equilibrio, mal se lembrando que d'um momento para outro pôdem perder a vida.

Em baixo, estão aquellas grandes vigas de ferro atravessadas. Uma queda é o craneo fendido. Dos lados, erguem-se as columnas que as sustentam, onde vão dar as extremidades d'esses travessões e assim se fórma a rede imensa onde, quem cair, vae encontrar a morte.

Pois esses estranhos trabalhadores dos espaços não receiam o perigo, e lá vão todas as manhãs pegar no trabalho com o mesmo sorriso alegre com que o largam pelas tardes.

O habito faz as familias não recearem pelas suas vidas; velhos e novos lá andam, e, quando



A collocação de uma trave de ferro a 200 metros sobre o solo. Um operario suspenso sobre Nova-York.  
(Cliches de DELIUS)

apparece visto lá de cima como uma immensa gaiola gradeada onde quem se precipitar encontrará a morte.

Ha casas com cem metros d'altura, o que equivale a cinco ou seis dos nossos maiores predios collocados uns sobre os outros. Empregam-se n'estes verdadeiros colossos de ferro nove a dez mil toneladas de travessões, que vão construir o esqueleto do edificio. No meio d'esta confusão, são necessarios inauditos esforços, estranhos arrojós, inconcebiveis cora-

se interroga um pequenito, filho d'um d'esses arrojados trabalhadores, ácerca do logar onde o pae ganha o pão, elle responde da maneira mais natural do mundo, que a cem ou duzentos metros d'altura. Se lhe perguntam que officio quer seguir, luzem-lhe os olhos e volve desde logo:

—*Sky Scrapers!*

Na phrase dizem tudo: são os exploradores das alturas, os ousados, que parecem querer, subindo sempre, limpar o céu das suas nuvens.



# FIGURAS E FACTOS

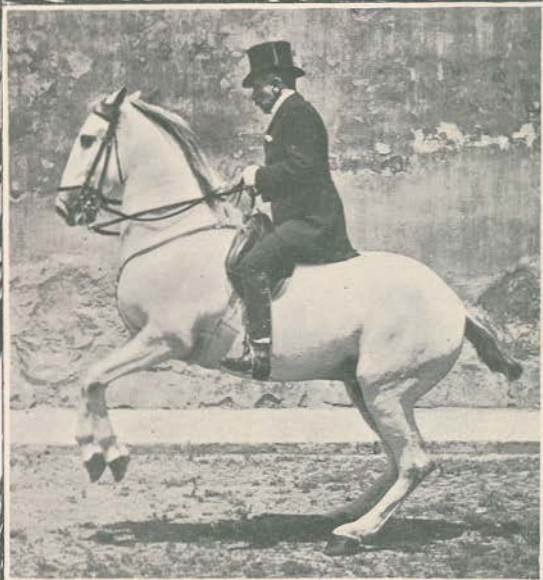


1—Um aspecto do electrico encravado no portal. 2—O bando dos servios nomadas—(Clichés de RENOLIEL)  
ELECTRICO DESARVORADO.—No dia 2 de março um electrico, que vinha pela travessa da Trindade, desarvorou, em virtude de se lhe ter partido o travão, indo encravar-se no portão do predio n.º 81 da rua de S. Roque, d'onde dentro em pouco o retiraram bastante damnificado.



CARAVANA SERVIA.—Um bando de servios passou em Lisboa com os seus trajos pittorescos, com os animaes que os acompanham nas suas longas viagens através do mundo e que

são o seu ganha pão. Vindos da Outra Banda, desembarcaram na estação do Caes Sodré, d'onde seguiram para Xabregas, abandonando a cidade onde não lhes é consentida a permanencia.



1.—O monumento a Dante do escultor Canciani.  
 2.—O escultor A. Canciani.—(*Citichés de DELIUS*). 3.—O sr. D. José Manoel da Cunha Menezes montado no bello cavallo *Bomtempo*, que ensinou em alta escola, e foi agora vendido por um conto de réis ao sr. Guichenet, celebre picador francez

**O MONUMENTO A DANTE**—Vae erguer-se em Italia um novo monumento a Dante, a fim de se celebrar o sexto centenario da morte do poeta. O auctor do projecto é o illustre escultor Canciani, de Turim, actualmente residente em Vienna, que fez uma obra maravilhosa e d'uma difficil execucao. Tomou por motivo a obra prima do grande poeta, a *Divina Comedia*, e representou-o na sua viagem, após a morte, pelos tres reinos de Além, collocando-lhe no pedestal as figuras contorcidas dos condemnados ás penas eternas.



# O Terror do Anarchismo



A bordo do vapor italiano *Luzitania*, que chegou ao Tejo em 3 de março, vinham treze homens suspeitos de anarchismo e que a policia de Genova entregára ao capitão Baurichini a fim de os desembarcar em qualquer porto. As auctoridades portuguezas oppuzeram-se a que sabissem em Lisboa e, dirigindo-se logo para bordo

a policia do porto, combinou-se que os presos viriam para terra, ficando n'um quartel da guarda municipal, enquanto se effectuava a descarga do navio, ao que elles se recusaram terminantemente. Sendo pedido reforço, foram em direcção ao *Luzitania*, n'um vapor d'alfandega, alguns soldados da municipal, que o commandante do navio se recusou a deixar entrar, estendendo no portaló uma bandeira italiana. Então, indo a bordo o consul italiano, deliberou-se que ficariam vigiando os passageiros vinte policiaes até que o navio seguisse o seu rumo, o que fez no dia 8 de março, partindo para o porto de Setubal, tendo poucos momentos antes tentado fugir, mas sendo capturado, um dos libertarios chamado Dietrich Carlo.



- 1—O vapor italiano *Luzitania* fundeado no Tejo.
- 2—O capitão do *Luzitania* Baurichini.
- 3—A guarda municipal dirigindo-se a bordo.
- 4—Policia para bordo...
- 5—As auctoridades do porto de Lisboa conferenciando com o consul de Italia.

(Clickés de BENOLIEL)



# LÁ POR FÓRA



1—Estado actual dos trabalhos da abertura da grande Rua Arqueologica, através da antiga Roma. Ao fundo vêem-se as ruínas das thermae de Caracalla.

2—O maior torpedeiro do mundo: O torpedeiro Swift, da esquadra inglesa, actualmente no porto de Portsmouth, desloca 1:825 toneladas e dispõe de uma velocidade de 63 nós.

3—Uma obra prima do recitame: O annuncio de uma casa de Berlim especialista em cães de luxo.  
(Clichés DELIUS)



# RASGANDO LEIVAS



1—Começo de Primavera.  
2—Os pinheiros, esculturas rudes da terra.

“ O arado é o eterno e verdadeiro amante da Terra. E' elle o primeiro a inicial-a nas voluptas cariciosas da fecundação, mal despontam os sorrisos d'um começo de Primavera.

Do intimo contacto do aço da relha sobre as entranhas do solo, nascem os primeiros beijos que a Terra recebe no seu seio virgem.

Então, sentindo-se percorrida pela vibração d'esses beijos, desperta-se-lhe a ancia de commungar um atomo de luz, de accceitar do espaço uma subtil incidencia de calor que lhe aqueça a fria rigidez da sua natureza.

E todo este anceio o arado lhe comprehende: rasga fundo a leiva, revolve-a, acalenta-a na ardencia sensual do seu contacto e expõe-na aos sorrisos creadores do astro solar e ao palpitante influxo da atmosphera.

O deslumbramento do Sol, a unção quasi divina da sua luz esparcida sobre a leiva, desperta á obscuridade da Terra um sonho

lindo—o de se engrinaldar de flores, de se vestir de searas, dourar-se de trigo'es, esmaltar-se de prados.

Assim, a Terra, de enlouquecida amante que era, ancia vê-se mãe!

E' natural.

O azul do espaço parece que se toma o confidente d'esse casto sonho de virgem, e, no enlevo de sentir na immensidade do seu dominio







1—O próprio mar alimentará as leivas com as algas que os bois transportam.

uma forma nascida da apparente inercia da Terra, faz-se o escultor primoroso d'essa mesma forma.

Arranca-a subtilmente da materialidade da sílica, do calcareo, da argilla, do humus, e, no cabos dos atomos d'esses elementos, gera a te que ha de crear as estempo rudes e artisticas das rosas, dos chrysanthemos, veiras.

Lavradores! ditos são esses vossos araa a beleza a graça d'um



Beijos bem-com que dos criam d'uma flôr, fructo, a vi-



2—O moinho moerá o grão nascido das leivas. 3—Chrysanthemos, esculturas artisticas da Terra. 3—Um curto descanso no rasgo das leivas.

da d'uma planta, a riqueza d'um trigal, a opulencia d'uma seara.

Um curto descanso no rasgar das leivas é d'um sublime enlevo espiritual para volverdes a vossa vista ao campo já lavrado; do aço da relha, aquecido na sensualidade vigorosa do sub-solo, deve ascender a vossos ouvidos esse poema de beijos e de energias soluçado no labor pacífico de fecundar a Terra.

Lavradores! Se mais riquezas quereis do solo, mais riqueza elle vos dará.

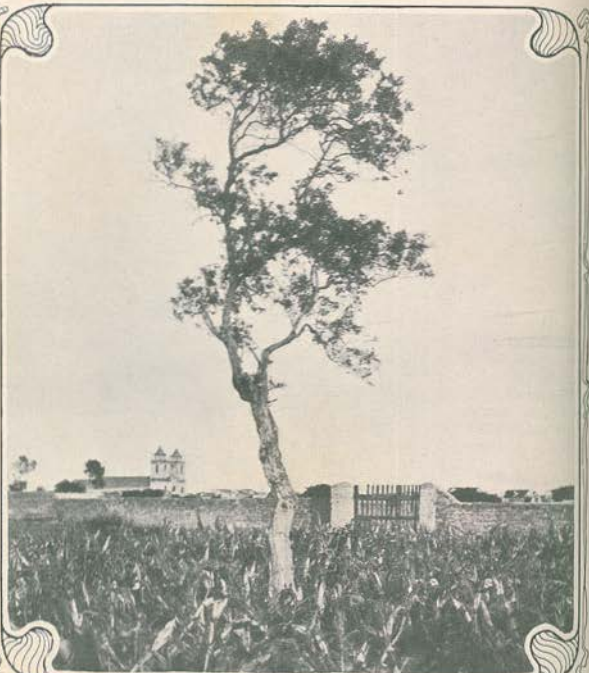
Tornemo-nos merecedores de todas as suas magnificencias, de todas as suas primicias.

Não bastar só cultivar a Terra.

Vamos mais longe.

Que resta fazer?

Comprehendel-a na ancias das suas forças creadoras—termos, como ella tem, um sonho de crear



(—A oliveira. a—...Da sensualidade do sub-solo ascende um poema de energias...





1—Regresso da lavoura.  
2—Derradeira etapa d'uma lavoura.

energias vitais, do mesmo modo que ella propria cria as flôres que a engrinaldam na Primavera, que a perfumam no Estio, que a melancolisam no Outomno e que despertam uma saudade no Inverno.

Sejamos como a Terra!

Tenhamos tambem um sonho que se erga do fundo de nossas almas e tome as formas esculpturadas da Verdade, do Bem e do Bello.

Que o Sol, com o fulgor dos seus cariciosos reflexos, o envolva n'uma benção de luz e guie os homens, com esse sonho, para o convivio d'uma unica patria onde to-



3—Carrcando as algas.  
(Clichés do auctor)

dos lancem á Terra uma só semente:—a do Amôr universal.

D'ella nascerão as flôres com que precisamos enfeitar a existencia!

2—3—1910.

A. M. LOPES.



# · A "MI-CARÈME" EM PARIS ·



1—O carro da Rainha das rainhas  
2—A rainha da Bohemia, ao fundo. No primeiro plano a sua dama de honor

A *mi-carême* é uma linda festa tradicional franceza que se faz todos os annos em quinta-feira da terceira semana da quaresma e que actualmente é promovida pelas lavadeiras e gente dos mercados, que percorrem Paris e fazem as suas visitas á ca-



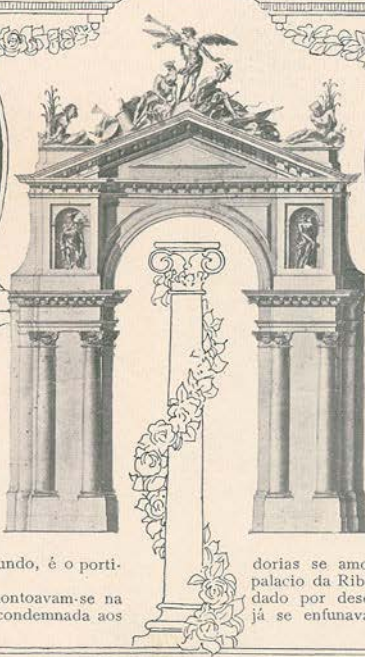
3—A visita da Rainha das rainhas ao presidente da republica  
(Cliché BELJUS)

mara municipal e ao presidente da republica, com um cortejo por vezes maravilhoso. Elegem entre as mais formosas raparigas da sua classe as rainhas, havendo sempre uma da Bohemia e tendo apparecido este anno a da Belgica. A rainha das rainhas é soberana absoluta n'essa folia que Paris espera sempre com entusiasmo e no cortejo, além de carros allegoricos, guardas de honra, dignitarios, figuram os encarregados do serviço d'ordem, que este anno foi feito por formosas vendadeiras.





# O TERREIRO DO PAÇO ATRAVEZ DE 3 SÉCULOS



O Terreiro do Paço é o ario de Lisboa, com os seus oitocentos e trinta palmos de norte a sul e com os seus oitocentos e setenta de nascente a ponte. É uma das mais lindas praças da Europa, beijada por um dos mais bellos rios do mundo e como entrada d'uma cidade de colinas tem o ar imponente d'um vasto vestibulo cujo arco, ao fundo, é o portico que para ella dá ingresso.

Ha tres seculos os lodos amontoavam-se na orla do rio, a gente da plebe condemnada aos mais baixos misteres bugiava a parte sul onde se ia erguer um caes de desembarque, diante das Ferrarias e de todo esse dedalo d'arruados estreitos, d'esse labyrintho de viellas que se contorciam, se cruzavam, se confundiam de Valverde para a Ribeira, quando D. Manuel ali mandou construir uns paços. No futuro esse abrigo dos reis seria uma vasta molle que to-

maria desde o lado occidental do terreiro ao actual edificio, do Arsenal, todo o Pelourinho, até ás casas altas do Fregal de Cima.

Erguiam-se ali, na defrontaria dos paços reaes, as casas da India, da Mina e da Guiné, vastos armazens e celeiros onde as especiarias, os generos coloniaes, as mercadorias se amontoavam. Rapido ia crescendo o palacio da Ribeira, com a sua assymetria, paredado por desencontros, olhando o Tejo onde já se enfiavam as velas das naus da India.

N'um pateo interior do paço houve mais tarde bichos exóticos, com que muito se compraziam damas e fidalgos, e, nas noites dos autos, as risadas dos côrtes misturavam-se com os rugidos das feras. No terreiro manobravam as hostes em certos dias, ali se mostraram os cavalleiros do duque D. Jayme de Bragança quando elle deliberou ir a Azamor ainda em tempos que o



1—El-Rei D. José I. 2—O arco da rua Augusta segundo o projecto pombalino. 3—O marquez de Pombal  
4—Assigatura do marquez de Pombal á margem do projecto de reedificação do Terreiro do Paço  
5—O projecto da fachada principal do Terreiro do Paço  
approvado pelo marquez de Pombal. (Original pertencente á Academia de Bellas Artes de Lisboa).

paço não era nada. D. João III habitou-o; aquelle rei sombrio olhava contemplativo os jardins com as suas arvores e com as suas flôres até á hora em que ali quiz deixar á vontade a madrastra — que amára como namorado — a linda Leonor d'Austria, irmã de Carlos V. Veiu a peste; todos fugiam ao flagello. Um terremoto, a 26 de janeiro de 1531, deitou abaixo mil e quinhentos predios em Lisboa e parece que o paço tambem soffreu, porque dentro em pouco ali se fizeram obras sendo mudado um pouco a fôrma do edificio — diz o erudito escriptor sr. Julio de Castilho, a cuja obra *A Ribeira de Lisboa* recorreremos.

Já tinha ido para Castella a formosa madrastra de D. João III quando se cobriu o

ainda — assistia-lhe á agonia e diz-se que ella viu uma *dama negra* fazer-lhe da porta signaes de morte. O Terreiro do Paço tambem a devia ter visto bem como á tropa mourisca que a mãe de D. Sebastião dizia ter enxergado certa noite a metter-se no rio em grande assuada. Era o presagio do fim do filho? E' certo que á sombra d'aquellas paredes o reisito medrou, que mais tarde fez obras no paço e de novo o terreiro se encheu de cantarias e de cal, para reconstruir o palacio e fazer á beira do rio uma ermida a S. Sebastião, que nunca se concluiu, porque o rei morreu na Africa, tendo o Terreiro visto a cavallada luzida d'armas, de sedas, de côres vivas, n'uma tropeada e que ia metter-

# LISBONA



O Terreiro do Paço no seculo XVII, segundo uma gravura hollandeza da epoca  
(Da collecção do sr. Antibal Fernandes Thomaz)

edificio de telhas portuguezas. Andavam então no terreiro pedreiros e alvinses, fazia-se por ali o trafego da cidade; a praça estava pejada de materiaes e mercadorias. Um dia, á hora da comida real, um grande ruido se ouviu; a côrte fugiu espavorida para as escadarias, receosa d'um novo abalo de terra, o bispo de Vizeu, pouco confiante no céu, fugiu tambem e só o rei ficou á mesa. Um montão de telhas cahira pelos vigamentos incompletos da cobertura e causara todo esse alarme. Dentro em pouco morria ali o herdeiro do throno; e a sua esposa — noiva

se na guella vermelha do leão africano.

Maus tempos correram para o reino, mas bellos para a praça, porque o Philippe, ao chegar, achou mesquinho o palacio e o local desabrigado. Mandou fazer um parapeto na orla do rio e erguer sobre o paço um torreão que era uma grande mole forte e branca com a sua cupula arredondada; nas extremidades do edificio collocaram-se outros torreões e assim Philippe Terzi, o architecto da igreja de S. Roque, cumpriu a vontade do amo. Ao rez do rio, não fôsse haver algum ousado





O Paço dos reis de Portugal em 1751, tres annos antes do terremoto que o destruiu  
(Segundo uma gravura inglesa da collecção do sr. Annibal Fernandes Thomas)

assalto, o intruso mandou edificar uma fortaleza que se chamou da Vedoria ou de S. João. Fiquem-se no paço o duque d'Alba. O cardeal Alberto

mandou alargar salas; creou-se a dos Tudescos, vasta e bem illuminada, e no reinado seguinte outras, todas repletas de riquezas, de velludos, de sedas, de quadros, que, junto ao que os reis portuguezes ali tinham accumulado em telas, mobiliario e baixellas tornou a residencia um logar de maravilhas. O Terreiro do Paço, n'esse tempo, viu os homens da traição, a fidalguia abastardada, descendo das seges para as recepções dos soberanos hespanhoes, mas dentro em pouco veria tambem o cambalhotear d'um corpo a espapaçar-se nos lagados. Era Miguel de Vasconcellos a ser punido.

Dias de gala vieram; arautos gritaram o nome de D. João IV para a turba aglomerada; um luzido cortejo d'ali saiu para S. Domingos e quando tudo se aquietou o rei mandou fazer na praça um chafariz que tinha quatro bicas e um Apollo no alto. Novas obras se fizeram sob a direcção dos architectos Agostinho Rodrigues e João Fallardo. Abriu-se um lindo salão de musica, porque o rei nas horas d'ocio não só ensaiava os seus cantores, mas tambem compunha os seus solaus. Tratou logo de reformar largamente a capella; vestiu-a de galas, alindou-a, fel-a maior e aquellas pa-

redes do paço, que tinham visto reunir as côrtes em 1641, viram tambem o drama de D. Afonso e D. Pedro.

Um dia o Terreiro do Paço foi todo revolido, ergueram-se os baluartes d'uma praça de touros e all se correram os bichos ante as aclamações das damas e cavalleiros. Depois levantaram-se arcos festivos, uma ponte de madeira se fez do caes para um bergatim que ia levar para Inglaterra uma princeza infeliz. D. Catharina casava-se com o filho do decaptado Carlos da Gran Bretanha. Ia comear a tragedia. D. Pedro queria roubar o throno ao irmão. N'uma d'aquellas salas D. Afonso VI esteve preso e de novo a praça viu revolta a multidão fidalga em dias de conspiração. O regente queria fazer um passadico do seu palacio do Côte Real para a moradia régia, caminho por onde viria, no segredo, alimentar a sua lascivia com os beijos da cunhada.

Depois chegou o reformador D. João V com a sua varinha magica feita com o ouro do Brazil.

Levantaram-se escadarias magnificentes, varandins, abriram-se salões e fez-se a patriarchal. O rei morava no quarto do forte. De dia tudo aquillo eram pompas; festas d'egreja, delirios de luxo; pelas noites de quando em quando fogos de artificio e quando a praça recachia no silencio um



1.—A estatua equestre de D. José no Terreiro do Paço.  
2.—O embarque do exercito de Junot no Terreiro do Paço em 1808.





O que seria a Praça do Commercio  
(Segundo o projecto do Marquez de Fombal—Gravura do século XVIII, da collecção do sr. Anibal Fernandes Thomas)



O Terreiro do Paço em 1792  
*Desenho de Noe — Lithographia de Wells. (Da collecção do sr. Aunibal Fernandes Thomas.)*



vulto embuçado apparecia a espreitar. Lisboa estava na treva. O arco da Moeda, collocado onde é hoje a intersecção do Crucifixo e dos Retrozeiros, anegrava-se; a porta do Pelourinho cerrava-se e o vulto mettia-se para o arco dos Cobertores a sahir para o Ferregial. Era o rei que ia em busca de aventuras. D. José habitou o mesmo quarto do pae.

Sua paixão era o theatro e não resistiu em sahír um perto do paço, onde havia já grande fartura de agua que D. João V mandára manar pelo terreiro da, por esse terreiro que vira a *passarola* do padre Bartholomeu de tremo voar da Casa da India para o paço d'uma fugaz tentativa aeronautica.

Chegou o terramoto. Todas aquellas maravilhas desappareceram. A praça tornou-se n'um montão de ruínas; ao fundo, o Tejo galgava o paço e ao luar vivo dos incendios.

Mas o homem-providencia surgia. Pombal reconstruiu Lisboa dirigindo Reynaldo Manuel e em 1758 ordenou que se fizesse o novo terreiro sendo o engenheiro o capitão Eugenio dos Santos Carvalho. A planta que o ministro assignou é a que reproduzimos e existe na Academia de Bellas Artes mas o seu sonho era outro, bem outro, o de levantar torreões nas extremidades com suas flechas finas, de fazer descer elegantemente os caes. Quando Machado de Castro concluiu a estatua apezeste estavam ainda por fazer os edificios, havia as fachadas em madeira pintada e n'aquelle lugar de 722.100 palmos quadrados, o rei, a corte, o marquez, a tropa, o povo viam apparecer ao meio a estatua do soberano voltado para o Tejo, montado no seu cavallo, como a saudar os que chegavam á cidade que renascia e deveriam passar sob esse arco trium-

phal bem differente do que hoje existe, como se mostra na gravura assignada pelo marquez. O torreão da Alfandega foi acabado em 1772. Aquillo concluiu-se sem a grandeza que o marquez sonhára apesar da mesquinhez da primitiva planta.

Continuaram a fazer-se as descargas na praça; havia depositos de mercadorias como sempre, atracavam os barcos sujando com os seus recheios o atrio de Lisboa, onde embarcaram annos depois os francezes batidos. De quando em quando tudo aquillo se animava. Limpava-se a praça, erguiam-se pavilhões. Era D. João VI que regressava, D. Miguel, esse, fazia esperar debalde os vereadores e desembarcava em Belem aos urros da população, D. Maria II, loira, gordinha, vestida de azul e branco que os constitucionaes saudavam julgando que ella trazia nas suas mãos de creança a

paz e a abundancia.

Alli se acclamaram alguns reis; alli foram recebidos ha poucos annos o imperador da Allemanha e o rei de Inglaterra. A praça, arborisada desde 1865, estrugiu de palmas e de vivas, as tropas moveram-se; n'uma alegria festiva o Terreiro do Paço, ao lindo sol, reviveu como nas epocas do seu antigo esplendor quando era bem o atrio do grande emporio das descobertas e das conquististas.

Ultimamente, alguns tiros prostraram dentro da sua carruagem, n'aquella famosa praça, o rei D. Carlos, que falleceu no local onde os seus maiores tinham folgado ou soffrido dentro das paredes cobertas de razes do paço da Ribeira que deu o nome ao vasto e formoso terreiro.



1.—O arco da rua Augusta actualmente.  
2.—O Terreiro do Paço: aspecto actual. (Reproduções de ENOLIEL)



ABEL BOTELHO.—Um novo livro do eminente escriptor Abel Botelho constitue sempre um acontecimento, porque o consagrado auctor do *Amanhã*, do *Barão de Lavos* e do *Fatal Dilemma*, o artista das *Mulheres da Beira*, tem um publico fiel que aguarda ansiosamente os seus inconfundiveis trabalhos.

O novo romance do illustre homem de letras intitula-se *Prospero Fortuna*, é o quinto volume da serie de *Pathologia Social*, com que o auctor tem firmado resolutamente o seu nome, mostrndo, n'uma grande originalidade, os vicios e as miserias de certos meios, com uma audacia poderosa e creado typos que constituem uma galeria, todos humanos, flagrantes, desenhados a capricho, alguns dos quaes são inolvidaveis.

O *Prospero Fortuna* vem d'uma maneira brilhante affirmar que Abel Botelho continúa da mesma fórma a sua obra, evidenciando de volume para volume maiores faculdades de artista, mais largos ideaes, mais forte observação.



1.—Abel Botelho.  
2.—O novo rei da Abyssinia.  
(Cliché WORDLE'S GRAPHIC PRESS)

O NOVO REI DA ABYSSINIA.—O successor de Menelick é ainda uma creança. Chama-se Lidje Yassan, e teve como preceptor um allemão, ha tempo obrigado a deixar o paiz. O soberano é muito joven e não pôde dirigir os destinos da nação, que de dia para dia se civilisa, onde já as locomotivas comecam a mover-se, levando o progresso. Sua avó, a imperatriz Taitan, quiz governar durante a sua menoridade, o que não foi do agrado do povo, sendo então nomeado tutor do soberano o velho guerreiro e politico o *ras* Tessama, que representa junto do rei a vontade da nação.

